

Editorial

Estávamos concluindo esta edição, quando a mídia noticiou a morte do terrorista Abu Musab Al Zarqawi, em 8 de junho de 2006. Ele foi o responsável pela “maioria das ações terroristas, seqüestros e decapitações de estrangeiros no Iraque”, segundo informações da *Folha Online*, inclusive o atentado que matou o diplomata brasileiro Sérgio Vieira de Melo, dia 19 de agosto de 2003 – por infeliz coincidência, o Dia Mundial da Fotografia. Era um dos terroristas mais procurados do mundo.

A morte de Zarqawi nos fez refletir ainda mais sobre o valor documental e a credibilidade da fotografia. Com certeza, o mundo só acreditou em sua morte depois de ver a imagem de seu corpo. Há 109 anos, no dia 6 de outubro de 1897, o fotógrafo baiano Augusto Flávio de Barros, obedecendo ordens do general Artur Oscar, fez a fotografia do corpo exumado de Antonio Conselheiro, ato que praticamente pôs fim ao Levante de Canudos, no sertão da Bahia. Em 1897, dadas as circunstâncias, a fotografia era considerada um atestado comprobatório. O general precisava desse documento para comprovar a morte do conselheiro perante as autoridades republicanas, quando de sua volta – triunfal – ao Rio de Janeiro, então capital da República.

De 1897 para 2006 muita coisa mudou. Os avanços tecnológicos são inegáveis: houve uma revolução nos meios e sistemas de comunicação. A tecnologia digital tornou o mundo menor e suscitou – e continua alimentando – intermináveis discussões sobre suas potencialidades de produção e possibilidades de pós-produção. Mas uma coisa parece não haver mudado: a credibilidade na fotografia como documento.

Antes de Zarqawi, a prisão de Saddam Hussein e a morte de seus filhos só se tornaram creditáveis aos olhos do mundo depois que documentos (fotografias) comprobatórios foram exibidos. Depois dele, a morte do líder separatista checheno Shamil Bassayev, acusado de ser o mentor intelectual do atentado a uma escola de Beslan, na Rússia (objeto de estudo de um dos artigos desta edição da revista), que resultou na morte de 344 pessoas, entre as quais 186 crianças, em setembro de 2004, também precisou ser comprovada por meio de uma fotografia.

Passam-se os anos, aprimoram-se as tecnologias, encurtam-se as distâncias e o tempo de transmissão de informações, mas a credibilidade dos documentos imagéticos resiste às transformações. E novamente ela, a fotografia, será exigida como comprovação quando, sabe-se lá quando, a mídia anunciar a prisão ou morte (natural, acidental ou tramada) daquele que é, atualmente, considerado o terrorista mais procurado do mundo: Osama Bin Laden. Quando essa captura ou morte ocorrer, uma fotografia valerá mais que todas as emissoras de rádio anunciando, todas as redes de televisão transmitindo, todos os jornais e revistas do mundo noticiando. Sem o atestado comprobatório, o mundo ficará em dúvida...

Nós, do **Curso de Especialização em Fotografia**, acreditamos na fotografia. Não unicamente como mero documento comprobatório, mas em todos seus segmentos, vertentes e significados. Tanto o é que produzimos com o maior afincamento o segundo número da revista **discursos fotográficos**. No editorial do primeiro, dizíamos esperar que os textos ali contidos se tornassem geradores de novos trabalhos e estimulassem o estudo da fotografia. Nesse espaço de tempo, vimos ampliarem-se os projetos de pesquisa, crescer o número de livros e publicações especializadas e se multiplicarem os sites de discussão.

Esperamos, até a edição do próximo número, em 2007, capitalizar novos dividendos – em forma de informações, promoções, realizações e publicações – para o bem da ciência (e da arte) fotográfica.